

(5) O professor Samuel tentando nos alertar que as estatísticas podem ser manipuladas, se esqueceu que foi justamente o que fez com os dados sobre os miseráveis no mundo e procura fazer o mesmo quando quer comparar o grau de pobreza nos Estados Unidos com o percentual de pobres da América Latina, sem comparar as metodologias utilizadas (paciência)

Não ignorei o fato de aumentar a distância entre países ricos e pobres, uma prova disso foi que no próprio artigo alertei que os países ricos levavam vantagem nas relações internacionais porque estão mais preparados, inclusive em termos tecnológicos e de organização, além de que a globalização não vem resolver, nos países "em desenvolvimento", problemas (processos perversos) seculares de concentração de renda e decisões equivocadas das elites que por processos autoritários levaram a sociedade trilhar o caminho da dependência.

(6) Depois de "espernear" (com justificativas vazias), o professor concorda conosco quando afirma: "a globalização pode até ter ajudado a reduzir o aumento da pobreza, mas não foi suficiente para reduzir o número absoluto de pobres no mundo".

(7) Finalmente, salvo algumas divagações com citações de trabalhos diversos e algumas demonstrações narcisistas de "erudição" com indicações de obras conhecidas, o professor Samuel Costa Filho, perdeu uma excelente oportunidade de esclarecer melhor seu "projeto novo e alternativo" **sem a participação em blocos econômicos**. Afinal, foi por causa da oposição ferrenha ao processo de globalização e a proposta da não-inserção que surgiu a questão do **rebelde sem causa**.

Ao invés disso, nosso professor preferiu apresentar uma série de fatos isolados, quase todos referentes a década de 90, para relacionar com o período recente e com o processo de globalização.— concentração de riqueza, economistas laranjas, políticas de precarização do mercado de trabalho, debilitamento fiscal e financeiro, etc, etc, etc.....

Esquece nosso interlocutor que quase todos esses fatos estão relacionados entre si e não podem ser isolados de períodos anteriores, principalmente da herança recebida de um modelo de desenvolvimento esgotado. Portanto, tais fatos precisam ser analisados com cuidado e não, apressadamente atribuir sua existência ao processo de globalização em curso. Fora disso é pura simplificação. Quero deixar claro que como qualquer cidadão de bem compartilho de sua **indignação** por todos esses fatos negativos citados.

Quanto a forma de inserção do Brasil, não concordamos, como o professor, com **uma inserção passiva**, mas não temos a coragem de propor, de acordo com o professor Samuel, uma **inserção ingênua**, àquela que diz: "**globalização da cooperação entre os povos, da distribuição da riqueza, da inclusão social**". Isso só seria possível se mundo fosse uma **irmandade cooperativa**, infelizmente o mundo real é conflituoso e o comércio mundial não deixa de ser uma "guerra declarada", onde é preciso muito trabalho e estratégia para ser um país vencedor.

Por fim, deixamos claro que continuamos aberto ao **debate sadio de idéias** e achamos que o **Informe Econômico** é o espaço ideal para esse tipo de trabalho ●

William Jorge Bandeira é professor de Economia da UFPI. Doutor em Economia pela UNICAMP.

O GOVERNO E O PODER

Sebastião Carlos*

Com o surgimento das sociedades também surgiram formas de governo para tais, que no decorrer da história, vão se solidificando. Porém, qual a melhor forma de governo?

Na história percebemos três formas básicas: a monarquia, a aristocracia e a democracia. Platão nos coloca que, quando corrompidas, essas três se tornam tirania, oligarquia e demagogia. O mundo moderno elegeu a democracia como forma ideal depois de ter sido esquecida por vários séculos pela filosofia aristotélico-tomista. Contudo, a democracia moderna ou burguesa é ideal ou corrompida? A característica principal da democracia burguesa é o sentido da representatividade, ou seja, nela são eleitos representantes com a missão de defender os interesses de seus eleitores. Efetivamente é isto que constatamos na prática sobretudo na atualidade? O que percebemos na verdade é que os eleitos representam seus próprios interesses ou de um pequeno grupo e que os eleitores são esquecidos. Neste sentido podemos concluir que a democracia burguesa é corrompida e não é a forma ideal de governo. O governo ideal é aquele que melhor disciplina as relações de poder dentro da sociedade, ou seja, é aquele que melhor consegue inserir as diversas manifestações de poder que atuam nos cenários políticos e econômicos da sociedade.

Com a nova configuração do sistema capitalista percebemos o surgimento de uma outra variante da democracia: a participatividade. Os neoliberais profetizaram o fim da história com o triunfo do capitalismo e a derrocada do socialismo. Com a tese do estado mínimo, abriu-se um espaço privilegiado para as organizações não governamentais, por exemplo. Com a omissão do Estado, a sociedade se fortaleceu ainda mais. Isto tudo confirma a afirmação marxista de que "a burguesia produz seus próprios coveiros" ou de o "capitalismo produz sua própria antítese". A democracia participativa é um neosocialismo como proposta de continuidade da dialética da história. Este é o lado oposto da moeda ou sua negação. Nesta forma de democracia, eleitor e eleito são os sujeitos de um mesmo processo, ou seja, têm a mesma responsabilidade dentro da sociedade.

O homem é encarado não como um sujeito passivo, consumidor de políticas sociais, mas como um cidadão produtor dessas políticas. Ele deixa de ser platéia para se tornar ator e, não ator coadjuvante, mas principal. Ela se manifesta sobretudo pela formação dos conselhos (comunitários ou gestores) que junto com o poder institucional, governam a sociedade. No ambiente desses conselhos encontramos os excluídos de diversas matizes: lavradores, desempregados, biscateiros, marginalizados sociais. Também encontramos profissionais liberais e intelectuais.

A democracia participativa também inaugura uma nova concepção de poder contrária à tradicional. Enquanto a democracia representativa trabalha o poder como manifestação da força econômica e política da elite dominante, a democracia participativa vê no poder a manifestação das forças econômicas, políticas e sobretudo sociais através dos organismos da sociedade civil organizada. Na lógica da participatividade, governo é gestão compartilhada entre o institucional e o não-institucional.

Tudo isto tem uma implicação muito séria para nós como alunos do curso de economia. Somos fruto de uma formação burguesa que nos conduziu ao imediatismo, à busca egoísta de nossos interesses e à negação de toda e qualquer forma de participação pois o eleito (= perfeito, porque passou nos critérios de eleição), nos representaria. Temos que romper com os valores do mundo burguês e incutir uma nova visão de poder e de governo.

Isto é difícil porque formamos profissionais dentro do modelo da racionalidade científica da academia. Neste modelo o economista, responsável pelo saber, planeja para os outros, responsáveis pelo fazer, executarem. O gabinete de trabalho é algo distante da realidade. Temos então que reaprender a fazer planejamento se inserindo no locus humano ●

* Sebastião Carlos é graduado em Filosofia e aluno do Curso de Economia/UFPI